

## Alice Lara e a ars erótica entre o humano e o animal

Por Mayã Fernandes



No dia 07/08 ocorreu o lançamento da 3ª edição do Transborda Brasília – Prêmio de Arte Contemporânea, que possui duração de 08/08 a 07/10. A exposição de artes visuais conta com 12 artistas indicados ao prêmio, que residem, produzem ou nasceram em Brasília, cidades satélites ou entorno.

Alice Lara, uma das indicadas, em seu trabalho possibilita ao espectador entender o caráter metafórico da relação entre animais humanos e não-humanos. Com o foco na animalidade, suas obras oscilam entre a violência explícita e a violência velada. Exemplo disso são as obras da série Resistência.

Na sequência, Alice transforma animais comumente lidos como domésticos, como é o caso da tela Cachorros e veados, em animais selvagens. O cachorro, surpreendentemente, torna-se algoz do animal selvagem. Na tela, a

masculinidade está presente na matilha. Emboscando o veado, os algozes dilaceram a presa, emanando exibicionismo e esbanjamento de satisfação.

Já na obra *Búfalos e Siouxies*, o caráter animalesco é posto em dúvida ao olhar os olhos dos animais. O espectador, ao encarar esses olhos, pode perceber a ambiguidade da fuga. Nas obras da série, Alice dispõe linhas que mostram precisão e consciência das pinceladas ríspidas, revelando a pujança de sentimentos postos na imagem. Há, de um extremo a outro, a hesitação sendo elaborada na tela. A ambiguidade demonstra o jogo dúbio da fuga. Por um lado, ao partir, a vontade oscila entre permanecer só e ser acompanhado. O olhar pode demonstrar a solidão. Não se sabe se a manada satisfaz o desejo. O olhar do filhote ao fundo é de desamparo e parece esboçar um desejo de também querer partir.

Lara nos coloca enquanto algoz ou presa, Búfalo ou manada. E todos os caminhos levam ao mesmo lugar: a ars erótica de ser desejante ou desejado.

Texto originalmente publicado em: Revista Desvio

<https://revistadesvio.com/2018/08/13/alice-lara-e-a-ars-erotica-entre-o-humano-e-o-animal/>

**“Por um obscuro caminho, ele me acha”**



**Alice Lara, “por um obscuro caminho ele me acha”, 20 x 20 cm, acrílico sobre tela, 2017.**

As pinturas da artista Alice Lara emanam uma plurivocidade de sentidos. Analisando o conjunto das obras da artista, percebe-se a discussão sobre a animalidade, o bruto e lascivo, evidente em outras obras como a série “Amores perros” (2013).

A obra “Por um obscuro caminho, ele me acha” (2017), mostra a precisão e consciência das pinceladas ríspidas, revelando a pujança de sentimentos postos na imagem. De um extremo a outro, do delinear das linhas curvas, a hesitação é elaborada na tela. O algoz observa um veado. O veado observa o algoz. A ambiguidade grita, mostra o jogo dúbio de sedução. Ao esconder-se, a vontade oscila entre permanecer escondido e ser encontrado. Pintura irônica, representa o receio de dizer aquilo que não pode ser dito, ou pode. Aqui, a libido e o temor se confundem ludibriando a testemunha do encontro, nós, os espectadores.

A pintura adquire caráter metafórico a partir da analogia entre animais humanos e não-humanos. A ideia central da obra gira entorno da animalidade, na brutalidade performada e na elucidação da intensidade do que é mais humano: a abusividade sedutora. Não existe perspectiva sem o outro. E a fuga esbarra na ânsia do contato com o observador, dificultando a visão. A atração sufocante dos corpos humanos não consegue visualizar um fim por receio da ausência.

O caminho do veado – ou o do algoz – pode ser confundido com a fuga presente em “Pursuit” de Sylvia Plath, já que na percepção do outro, na tocaia, não existe surpresa.

“Há uma pantera me esperando de tocaia:

Algum dia vou morrer graças a ela;

Sua gana ateou fogo nas florestas,

Ela espreita, envolvente como a lua.

Muito macio e suave desliza seu passo,

Avançando sempre pelas minhas costas;

Da cicuta noturna, galhas gritam desastre:

A caçada começa, o cerco está armado”.

(Sylvia Plath, Pursuit, 1974).

Em Plath, o encontro entre o “eu” e a pantera é inevitável, pois o desejo está presente e ceder ao desejo é deixar-se capturar. O silêncio é imperativo, há a aproximação do desejo. Explora-se a tensão, a captura é imaginada. O consciente temor encurrala. O meio olhar já diluído permite o flerte furtivo com

a visão parcial. O espaço que revela o “entre” não é suficiente para separar a atração silenciosa. Não se mede a distância física, a presença está ali. Ser presa ou predador não importa quando se está consumindo a existência do momento.

**“As ordens no paraíso”: o que vem depois do humano?**

Quando vi a exposição “As ordens no paraíso – o animal e o humano”[1] (2020) da artista Alice Lara[2] senti um incômodo com as imagens que eram exibidas. Essas imagens me tocaram como um punctum[3] barthesiano, como um ferrão de uma abelha que lateja e não sabemos onde ele está. Não era a primeira vez que tinha visto as pinturas da artista, mas lembro que inicialmente suas pinturas me causaram curiosidade e fascínio, não o sentimento de incômodo. Em “As ordens no paraíso” Alice problematiza as relações entre humanos e animais e a espetacularização dos zoológicos. Por meio de transparências dos vidros do zoológico, Alice aborda as contradições dessa relação. Hoje, dois meses depois, entendo o que senti no início de fevereiro ao ir na exposição. Depois da reflexão ocasionada pelo isolamento e da crise do covid-19, o ferrão que havia sido enfiado em mim mostrou-se e pude ver a ferida.



Alice Lara. “Menina, ariranha e bolsa de gatinho”. Acrílico e óleo sobre tela, 100 cm x 100 cm, 2019. Créditos da imagem: Jamila Maria.

Susan Sontag[4] nos revela quando foi desestabilizada por uma foto. Segundo a filósofa, as imagens possuem o poder de nos partir ao meio, de causar uma



fissura, uma fenda na carne, de modo que nossas vidas são divididas em duas partes: uma antes da imagem e uma depois. Esse poder que as imagens possuem de afetar o seu espectador perpassam pelo enquadramento e pela intencionalidade. Qual era a intencionalidade das obras de Alice Lara ao utilizar enquadramentos que colocam os humanos e animais cercados por grades e em alguns momentos de metamorfoses do animal humano?



Alice Lara. “Bebê olhando”. 45 x 70 cm. Acrílica, encáustica e óleo sobre tela. 2020. Créditos da imagem: Jamila Maria.

Não é novidade que temos uma relação desequilibrada com o que chamamos de Terra e com os animais. O sentimento de superioridade, instigado pela noção de racionalidade do “penso, logo existo”[5], propagada pela sede desenvolvimentista da modernidade fizeram com que por meio da linguagem[6] definíssemos uma hierarquia epistêmica do que é a humanidade e do que são os outros. A partir disso compreendemos as diferenças entre homens e mulheres, humanos e animais, sociedade e natureza, ocidente e oriente, civilização e barbárie. Essa divisão, mais do que artificial, é utilizada como justificativa para um projeto de dominação e exploração do outro, do que é tido como categorias inferiores. Nessa lógica binária, a Terra e os animais estão a

disposição para servir e/ou serem apropriados. Quando sentimos uma desordem, por vezes causadas pela própria ação da humanidade e por seus sistemas predatórios de civilização, percebe-se o alarme do combate e de extermínio. A ironia é que combatemos a consequência e não a causa da anomalia, progredindo rumo a exaustão do que chamamos de vida em prol do sistema financeiro.

Porém, como exterminar um vírus que faz parte da própria natureza e que em harmonia não é nocivo? Como combater mulheres, bárbaros e todos os corpos que são dissidentes do que não é compreendido pela lógica racionalista moderna?

Na minha infância morei em uma casa com quintal, onde tínhamos vários cachorros. Certo dia, minha família decidiu que iriam concretar o chão do quintal para facilitar a limpeza. Décadas depois me questiono se ao livrarmos da terra e de seus elementos chegaremos em um ambiente estéril ideal para a sobrevivência.

Aproveitei o período para ler os ensaios dos pensadores das áreas de humanas para entender qual seria o papel da arte e da filosofia no meio de uma crise sanitária causada pela ideia de civilização. Li incontáveis textos, dentre eles o “Coronavírus e a luta de classes”[7] e alguns ensaios do “Sopa de Wuhan”[8] (que já se apresenta com um título infeliz) que eram em sua maioria textos de homens estrangeiros, todos com um viés eurocêntrico, com discursos descolados da realidade, em que a crise só é grave por ter atingido a Europa de modo inigualável. Entendi que o que enfrentávamos no Brasil era algo grande, ao observar que os europeus surpreendentemente descobriram a própria mortalidade.

Nunca irei esquecer do historiador que insistiu em dizer que os vírus tornaram-se agravantes e mortais com o ebola na África. Dizer que o desequilíbrio ambiental iniciou-se na África é demonstrar o desconhecimento da própria história do ocidente, das crises sanitárias vividas pela Europa e como o continente africano vem sendo explorado pelos europeus há séculos. Atribuir a culpa ao continente africano é estratégia colonial de não assumir seu próprio poder destrutivo. Nunca esquecendo dos corpos negros exibidos nos



zoológicos da Bélgica em 1958. A justificativa vinha com base nas diferenças de racionalidade e na utopia da modernidade de possuir o desconhecido e torná-lo passível dos desejos dos senhores.

Nunca entendi os filósofos contemporâneos que afirmaram que o covid-19 evidenciou o racismo, o elitismo e a xenofobia, que em sua concepção, eram assuntos resolvidos há décadas. Dizer que “estamos juntos” ou que “estamos no mesmo barco” é demonstrar a cisão entre realidades distantes e descolar a teoria da prática. As pinturas de Alice nos demonstram a certeza de que não estamos juntos e que na arca que chamam de vida ou de humanidade nem todos os animais humanos são bem-vindos.



Alice Lara. “Kibon poder ser outro”, 10x15cm. Acrílica, encáustica e óleo sobre tela. 2020. Créditos da imagem: Jamila Maria.

Proliferaram-se ensaios oportunistas buscando mostrar como o capitalismo está em xeque e que agora é o momento ideal para resgatar antigos modelos políticos que não nos apresentam uma saída real para o problema. Ignorar as características do neoliberalismo e a sua capacidade de transmutação, aquela que consome até a última terra e desossa o último osso, é não ter contato com o sadismo desse sistema.

Diante dos ensaios com perspectivas colonizadoras, que serviam apenas para pensar um Estados Unidos da América e uma Europa como parâmetros universais para qualquer sofrimento e logo ações possíveis, questionei-me por que estava lendo aqueles escritos. E principalmente, qual o sentido das pessoas traduzirem, compartilharem e idolatrarem textos que são descolados da nossa realidade e que não propõe nenhuma saída eficaz para a crise, que destrua ou que pelo menos fissure o binarismo realizado desde a modernidade. Por esse motivo voltei para as obras da Alice Lara do mesmo modo que a personagem principal do conto “O Búfalo”[9] de Clarice Lispector vai até o zoológico em busca do sentimento de ódio para apaziguar um fim de relacionamento. Meu rompimento era com o cientificismo europeu, não em uma tentativa de negar a ciência, mas de negar os seus sistemas excludentes predatórios, que extraem da Terra e de todos os seres a força vital para alimentar o desejo que monetiza nossa existência.

Olhei para as pinturas de Alice e me senti como um animal que rasga as barreiras da própria humanidade. Prendemos os animais pelo motivo dúbio, de preservação da existência contra a nossa própria humanidade. Isolamos os animais de seu habitat natural para que não sejam extintos e/ou comercializados. Nos isolamos em casa com a esperança de que a doença não chegue, mesmo quando já estamos doentes com falta da terra. Doentes de concreto, de poluição, da era digital da cegueira política e econômica. Visitamos esses animais no zoológico pela sensação do outro que é exótico, que foi dominado e passa a vida dependente. Somos atraídos para observar as jaulas porque nos vemos nos olhos deles e no fundo sentimos vergonha de nossa própria humanidade.

Pensei na cidade com muros invisíveis que é Brasília, que segundo Clarice[10], não entende como é sufocante a inexistência de pessoas. Como uma cidade planejada, com uma quantidade pequena de habitantes e que faz um esforço homérico para dar bom dia ao vizinho no corredor, concentra a maior quantidade de casos de covid-19? Retornei para as imagens da Alice em busca do ódio pela humanidade e de como utilizamos da linguagem para criar

categorias do que é passível de domesticação. O que senti ao ver suas imagens foi vergonha.

Em busca de soluções para o momento atual e de como a filosofia e a arte poderiam atuar em conjunto, encontrei nas obras de Alice Lara o desconforto de estar viva e entender o que as pinturas despertaram em mim. De fato, como um punctum, essas pinturas abriram uma fenda necessária. Como um remédio para as doenças que temos na contemporaneidade, encontrei consolo para a inquietação nos escritos de Ailton Krenak em “Ideias para adiar o fim do mundo”[11]. Ailton diz que precisamos escutar a Terra, entender o que os rios e os animais dizem. Não se trata apenas de conversar com pedras, plantas e rios, mas de considerar a natureza como um ser que possui vida e que precisa ser respeitada. Entender que acima dos lucros e dos mercados financeiros deve estar a própria noção da vida em todos os seus estágios e suas manifestações.

Não existe grande dificuldade com a linguagem e parece-me que as barreiras foram impostas pelo que conhecemos como humanidade, por meio de escritos, congressos e pactos com intenções universalizantes. Nos falta treino e coragem para retirarmos o que nos foi imposto com o tempo e que não nos pertence. Precisamos ter o ímpeto de valorizarmos nossos artistas, cientistas e pensadores que podem melhor dialogar sobre os problemas que enfrentamos. Necessitamos de humildade para dialogar sobre os desastres que provocamos na natureza e às outras pessoas. Não interferir na voz do subalterno[12] e escutarmos atentos ao que os povos originários e povos de outras matrizes que não a eurocêntrica ou estadunidense tem a falar sobre o que estamos vivendo. Mais do que isso tudo, nos é tarefa urgente repensar sobre modos de vida, não com soluções conciliatórias ou com remodelações dos processos de exploração mascarados sob o termo sustentabilidade, mas modos de vida que considerem o sonho genuíno de continuidade da própria existência. Enquanto não tivermos o básico para poder dialogar com a Terra, ela continuará recolhendo o que lhe pertence.

Notas:

[1] A exposição “ As ordens no paraíso – o animal e o humano” da artista Alice Lara aconteceu no espaço Referência Galeria de Arte em Brasília.

[2] Para conferir o trabalho da artista, acesse [www.alicelara.com.br](http://www.alicelara.com.br).

[3] Conceito desenvolvido por Roland Barthes em “A câmera clara”.

[4] SONTAG, Susan. “Sobre fotografia”. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

[5] Raciocínio realizado por René Descartes na obra “Discurso do método”.

[6] Aqui a dimensão da linguagem utilizada é de BERGER, John. Por que olhar os animais?, in: “O olhar”. Barcelona: Editora GG, 1980.

[7] HARVEY, D, et al. “Coronavírus e a luta de classes”. Terra sem amos: Brasil, 2020.

[8] AGAMBEN, et al. “Sopa de Wuahn”. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

[9] LISPECTOR, C. O Búfalo, in: “Laços de família”. Rio de Janeiro: Rocco, 1960.

[10] Na crônica “Nos primeiros começos de Brasília” (1970) Clarice Lispector diz que Brasília é “uma prisão ao ar livre”.

[11] KRENAK, A. “Ideias para adiar o fim do mundo”. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

[12] Aqui elenca-se a ambiguidade da voz do subalterno, que segundo Spivak, são aquelas pessoas que vivem nas camadas mais baixas da sociedade. Para a filósofa, não precisamos falar pelo subalterno e sim criar mecanismos para que sua fala seja ouvida. Cf. SPIVAK, G. C. “Pode o subalterno falar?” Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Texto publicado na Revista Ano I Ensaio em 16/03/2020

Mayã Fernandes é doutoranda em Artes Visuais (PPGAV-UnB), mestra em Metafísica e Estética Antiga (PPGM - UnB) e graduada em Filosofia (IH - UnB).  
Escreve textos sobre filosofia, arte e política.